

19 de Junho de 2023



EVOLUÇÃO DOS FLUXOS DE INVESTIMENTO DIRECTO ESTRANGEIRO NA ÁFRICA SUBSAARIANA E NO MUNDO, 2000 – 2020: ANÁLISE E LIÇÕES

Yasser Arafat Dadá¹ e Jerry Maquenzi²

1. INTRODUÇÃO

O Investimento Directo Estrangeiro (IDE) é um tema de interesse crescente nas últimas décadas, particularmente na África subsaariana (ASS). O IDE é considerado um importante motor para o crescimento e desenvolvimento económico em todo o mundo, mas o seu impacto na ASS tem sido alvo de debate.

No presente Destaque Rural, analisa-se os fluxos de IDE na ASS, entre 2000 e 2020³. São analisados, tanto os fluxos de entrada (*inflows*), quanto os de saída (*outflows*), com foco no volume desses fluxos e na proporção em relação ao total mundial e ao Produto Interno Bruto (PIB) de cada país e região seleccionada. A análise desses dados permitirá uma compreensão da posição desses países no mercado internacional de investimentos, além de identificar os principais factores que influenciam esses fluxos. Este texto estuda isoladamente a evolução dos fluxos de IDE da ASS e do Mundo e faz parte de um trabalho mais amplo, onde os fluxos de IDE são enquadrados em análises envolvendo outras variáveis e indicadores económicos e sociais.

O texto, além da introdução, possui mais duas secções. Na segunda secção, é feita uma análise descritiva dos fluxos de IDE. Finalmente, faz-se um resumo, procurando-se extrair alguns factores e recomendar políticas.

¹ Yasser Arafat Dadá, economista e Mestre pela Universidade de Lisboa. Doutorando em Estudos de Desenvolvimento.

² Jerry Maquenzi, economista e Mestrando em estatística, matemática e computação pela Universidade Aberta de Lisboa.

³ A série temporal pode variar em alguns casos dependendo da disponibilidade dos dados. Foi utilizada a metodologia quantitativa baseada em dados secundários. O Excel foi o instrumento de análise de dados utilizado para calcular as médias dos fluxos de IDE e a representação gráfica dos dados.

A ASS foi escolhida por ser a sub-região onde Moçambique se localiza. Os países foram seleccionados pelos autores pelas seguintes razões: pertencerem à ASS (África do Sul, Angola, Moçambique e Tanzânia) e porque, coincidentemente, a África do Sul é a maior economia da sub-região e Angola é o segundo maior produtor de petróleo da ASS.

2. ANÁLISE DOS FLUXOS DE ENTRADA E SAÍDA DO IDE

O IDE é uma forma de investimento realizado por empresas e indivíduos num país diferente do de origem. Esses investimentos podem ser em forma de acções, imóveis, empresas e outras formas de activos. O IDE pode ter um papel importante no desenvolvimento económico, impulsionando o crescimento económico, aumentando o emprego, a transferência de conhecimento e tecnologia, as receitas fiscais e receitas da balança comercial e entrada de capitais.

O IDE pode ser dividido em dois tipos: fluxos de entrada e fluxo de saída. Os fluxos de entrada referem-se ao volume de investimentos de empresas ou indivíduos que realizam numa economia, adquirindo ou estabelecendo uma participação numa empresa já existente ou criando uma empresa no país receptor. Inversamente, os fluxos de saída de IDE são investimentos realizados pelas empresas e cidadãos nacionais noutros países.

Nos gráficos 1 e 2 apresentam-se os fluxos de entrada e saída do IDE, entre 2000 e 2020. Pode-se observar o seguinte:

- Entre 2000 e 2020, mundialmente, o fluxo de entrada e saída de IDE apresentam uma tendência crescente. Nesse período, o total do fluxo de entrada de IDE foi de 27 bilhões e o total do fluxo de saída de IDE foi de 25 bilhões de dólares.
- Na ASS, o fluxo de entrada de IDE apresentou uma tendência crescente. Em 2000, o fluxo para a região foi de cerca de 7 mil milhões de dólares, enquanto em 2020 esse número aumentou para cerca de 29 mil milhões de dólares. Por outro lado, em 2000, o fluxo de saída de IDE da região foi de cerca de 1,3 mil milhões de dólares, enquanto em 2020 esse valor aumentou para cerca de 9,8 mil milhões de dólares.
- Na ASS, a África do Sul é o principal investidor no estrangeiro. Entre 2000 e 2020, a África do Sul foi responsável por cerca de 50% de todo o fluxo de saída de IDE na ASS. Simultaneamente, a África do Sul é também um dos principais destinos de IDE no continente africano, atraindo um total de 87 mil milhões entre 2000 e 2020. Os sectores de serviços financeiros e mineração são os principais destinos de IDE⁴ na

⁴ Para uma análise mais detalhada pode consultar <https://www.lloydsbanktrade.com/en/market-potential/south-africa/investment>.

África da Sul. As empresas americanas e britânicas são os maiores investidores na África do Sul, seguidos por empresas da China, Índia e Alemanha⁵.

- Em Angola, a entrada de IDE tem sido impulsionada principalmente pelo sector de petróleo e gás⁶. Nos gráficos, pode-se notar que existem períodos com fluxos de entrada e saída de IDE negativos. O fluxo de IDE é uma medida positiva, que reflecte a entrada líquida de capital estrangeiro numa economia. No entanto, um valor negativo do IDE significa que há uma saída líquida de capital estrangeiro num dado país, ou seja, investe mais fora do país do que atrai investidores estrangeiros. Entre as causas dos valores negativos do IDE em Angola, pode-se apontar as seguintes: crises económicas internacionais, alterações das políticas governamentais que afectam negativamente o ambiente de negócios ou as perspectivas de lucro dos investidores estrangeiros; mercado oscilante do principal fluxo relacionado com o sector de petróleos, outros recursos naturais e *commodities* agrícolas; conflitos militares, instabilidade política; e, desastres naturais (UNCTAD, 2023).
- Moçambique, no período entre 2000 e 2020, apresentou fluxos de entrada e saída muito desiguais. Neste período, o valor total dos fluxos de entrada foi de 43,6 mil milhões e o fluxo total de saída foi de 1,36 mil milhões de dólares. Os principais sectores que atraíram o IDE em Moçambique incluem mineração, indústria transformadora (MOZAL), energia, agricultura, infra-estrutura e turismo. Os maiores investimentos em Moçambique vêm de empresas de países como Portugal, China, África do Sul e Brasil⁷.
- Entre 2000 e 2020, a Tanzânia atraiu um total de 21,3 mil milhões em IDE, sendo o Reino Unido, Canadá e Índia, os principais países de origem do capital, principalmente destinado à exploração de recursos naturais⁸.

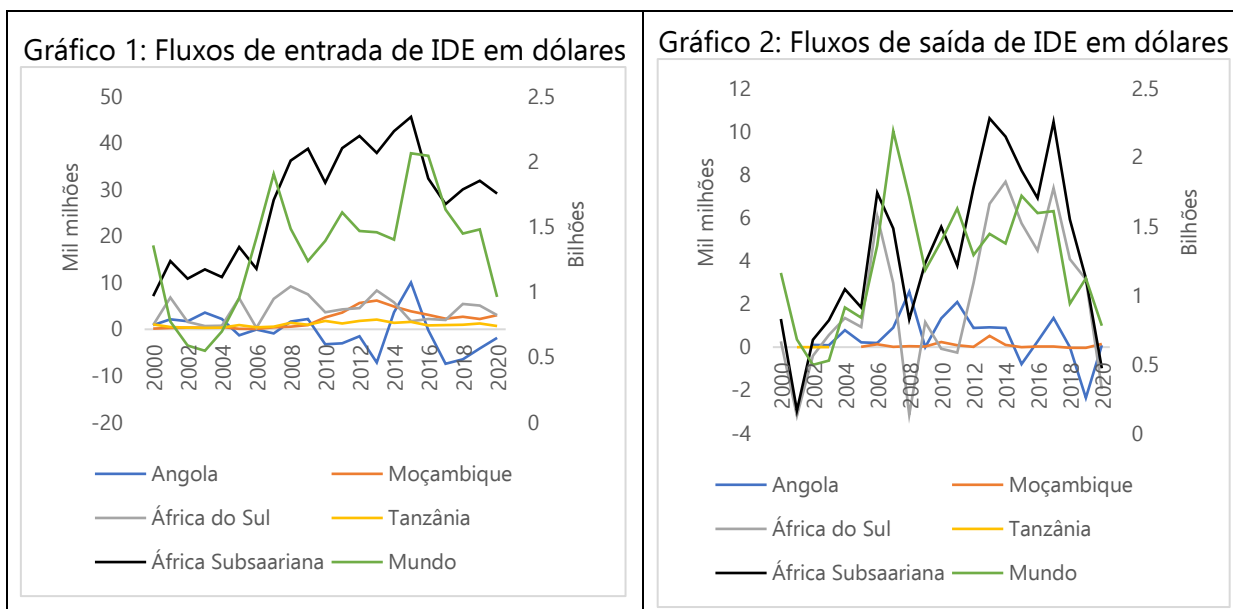
⁵ Sandrey, R. (2013). Foreign Direct Investment in South Africa: the BRIC perspective. Tralac working paper. Stellenbosh.

⁶ FMI (2021). Angola: relatório do corpo técnico sobre as consultas de 2021 ao Fundo Monetário Internacional. International Monetary Fund.

⁷ Veja por exemplo: Nova, Y., e Dadá, Y. A. (2019). Agricultura em número: Análise do orçamento do Estado, investimento, crédito e balança comercial. Observador Rural. Observatório do Meio Rural, 74.

Também, Nova, Y., e Mosca, J. (2022b). Investimento Directo Estrangeiro: "Extractivizando" a economia moçambicana. Destaques Rural. Observatório do Meio Rural, 169.

⁸ Veja por exemplo: United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD). (2022). Country Fact Sheet: Tanzania.



Nota: Nos dois gráficos, na escala a direita está o fluxo de IDE mundial.

Fonte: Elaboração do autor com base nos dados do UNCTAD (2023).

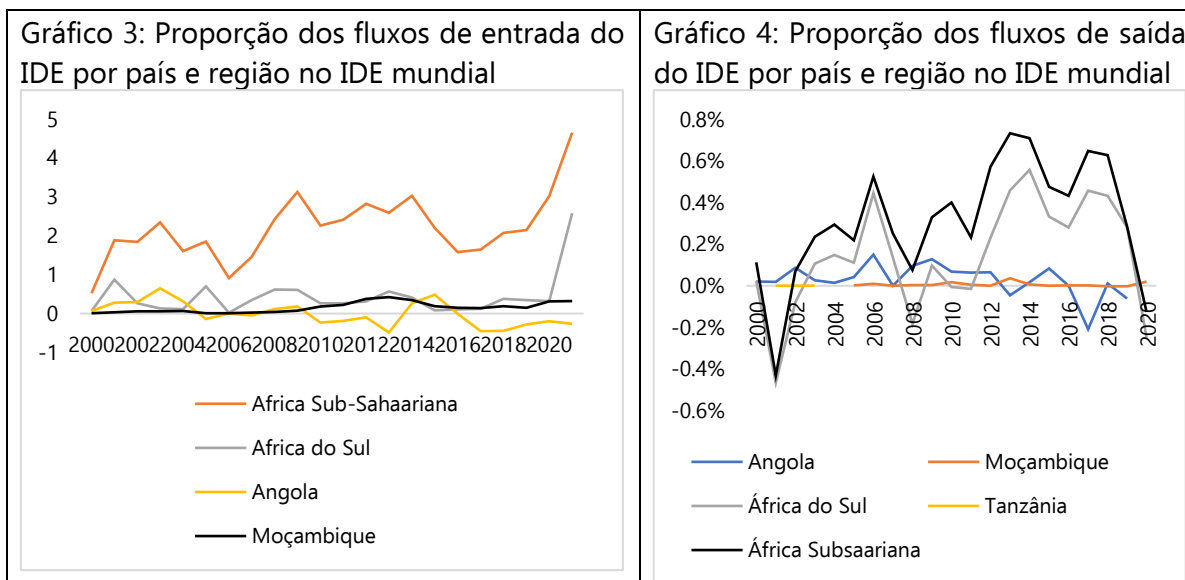
Analisando a proporção dos fluxos de saída e entrada de IDE de Moçambique, Angola, Tanzânia e África do Sul na ASS no período de 2000 a 2020, observa-se o seguinte:

- Metade dos fluxos de saída de IDE da ASS é realizado pela África do Sul. Além disso, aproximadamente 20% dos fluxos de entrada de IDE na ASS é destinado à África do Sul (UNCTAD, 2023).
- Por outro lado, Moçambique, Angola e Tanzânia, apresentam proporções menores, tanto nos fluxos de entrada, quanto nos de saída, do IDE em comparação com a África do Sul. Moçambique e Angola, em média, receberam, cada, cerca de 2% dos fluxos de entrada de IDE da região, enquanto a Tanzânia recebeu cerca de 4%. Em termos de fluxos de saída de IDE, Moçambique e Angola têm uma média de cerca de 1% cada, enquanto a Tanzânia tem uma média de 0,5% (UNCTAD, 2023).

Nos gráficos 3 e 4 apresenta-se a proporção dos fluxos de entrada do IDE por país e região no IDE mundial, entre 2000 e 2020. Pode-se observar o seguinte:

- A ASS representou uma pequena proporção dos fluxos mundiais de IDE, tanto em termos de entradas, como de saídas. A ASS recebeu, em média, aproximadamente 2,1% do total de fluxos de entrada do IDE e 0,32% dos fluxos de saída do total mundial.
- Todos os países em análise têm proporções relativamente baixas, tanto dos fluxos de entrada, como de saída.
- A África do Sul é o país da região que tem a maior proporção, representando, em média, cerca de 0,32% dos fluxos de entrada do IDE e cerca de 0,14% dos fluxos de saída mundiais.

- Moçambique, Angola e Tanzânia, por outro lado, têm proporções muito baixas em ambos os casos, com menos de 0,2% dos fluxos de entradas e menos de 0,03% dos fluxos de saídas mundiais.



Fonte: Elaboração do autor com base nos dados do UNCTAD (2023).

O estudo da proporção dos fluxos de entrada sobre o PIB é importante para a compreensão do papel do IDE no crescimento económico dos países e noutros agregados macro e microeconómicos acima referidos. O IDE é uma das principais fontes de financiamento externo para os países em desenvolvimento, que muitas vezes carecem de recursos para promover o crescimento económico.

Ao estudar a proporção do IDE em relação ao PIB, podemos entender a relevância desse investimento para a economia de um país específico e como se compara aos outros países e regiões do mundo. Nos gráficos 5 e 6 apresenta-se a proporção dos fluxos de entrada por país e região no PIB, entre 2000 e 2020. Pode-se observar o seguinte:

- Na ASS a proporção dos fluxos de entrada em relação ao PIB foi, em média, de 2,5%, um pouco acima da média mundial de 2,4% em 2020. No entanto, em relação aos fluxos de saída do IDE, a proporção em relação ao PIB da ASS é baixa. Em 2000, a proporção era de apenas 0,4%, diminuindo para cerca de -0,1% em 2020. Nesse período, a média mundial dos fluxos de saída foi 2%.
- Entre os países específicos da ASS e a média mundial, Moçambique destaca-se ao apresentar uma tendência crescente dos fluxos de entrada (em 2000 era de 2,5% e passou para 21,6% em 2020) e uma média de 15% ao longo período (superior à média de todos os países e regiões em análise). Este factor pode ser justificado por

uma combinação de factores, incluindo a existência de recursos naturais⁹, incentivos fiscais¹⁰ e localização geoestratégica¹¹.

- Por outro lado, constata-se que todos os países em análise apresentam proporções baixas em relação aos fluxos de saída de IDE, com valores abaixo de 1%. Tal pode ser justificado pelos seguintes factores: apesar de esses países possuírem densidade populacional elevada¹², as economias são consideravelmente mais pequenas que as principais economias mundiais, resultando numa falta de recursos disponíveis para investir noutras partes do mundo¹³, tecido económico frágil e pouco competitivo. Além disso, Angola, Moçambique e África do Sul passaram por momentos de instabilidade política no período analisado¹⁴.

⁹ Nesse período, diversos investimentos externos foram realizados para a exploração de recursos naturais, incluindo gás natural, carvão, petróleo e minerais. Veja por exemplo Mosca, J. e Dadá, Y. A (2023). Financeirização e extroversão agrária em Moçambique. Destaque Rural. Observatório do Meio Rural, 2023.

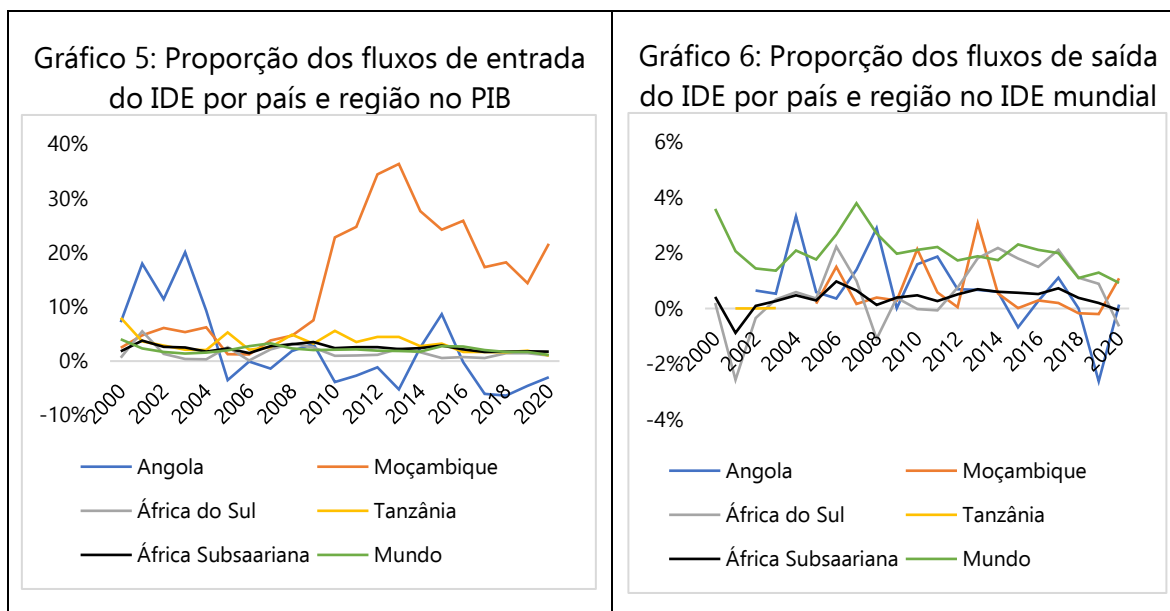
¹⁰ Durante o período de exploração da Vale em Moçambique, entre 2011 e 2019, o país perdeu cerca de 4,6 mil milhões de meticais referentes aos benefícios fiscais sobre o imposto de produção. Acrescem a este valor os valores referentes aos benefícios fiscais sobre o IRPC e outras categorias que não foi possível apurar devido à falta de dados nos documentos publicamente disponíveis. Veja Mapiisse e Mate (2021).

¹¹ Moçambique está estrategicamente localizado na costa leste da África, com fácil acesso aos mercados asiáticos e europeus, tornando-o um local atraente para investimentos em logística e transporte.

¹² Veja por exemplo: Dadá, Yasser Arafat. (2023). População da África Subsaariana e do mundo 2000 – 2020. Destaque Rural. Observatório do Meio Rural, 230.

¹³ Veja por exemplo: Mosca, J., Dadá, Yasser Arafat. (2023). África Subsaariana no caminho de mais subdesenvolvimento. Destaque Rural. Observatório do Meio Rural, 228.

¹⁴ Por exemplo, a greve dos mineiros de Marikana em 2012 que se transformou num confronto violento com a polícia, resultando na morte de 34 mineiros. O incidente desencadeou uma onda de protestos e controvérsias sobre as condições de trabalho nas minas da África do Sul (<https://www.bbc.com/news/world-africa-19314400>); Conflito em Cabo Delgado (desde 2017), iniciado na província de Cabo Delgado, no norte de Moçambique. O conflito é liderado por grupos de jovens locais, designados por al-Shabaab, um grupo do autoproclamado Estado Islâmico, que lutam contra as forças de segurança moçambicanas;



Fonte: Elaboração do autor com base nos dados do UNCTAD (2023).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise realizada, pode-se concluir que os fluxos de entrada e saída de IDE para ASS e para os países em análise são baixos relativamente aos fluxos mundiais. A África Subsaariana é uma das regiões que apresenta níveis mais baixos de fluxos de IDE do mundo (UNCTAD, 2023). Existem diversas razões para esta constatação, sendo as principais as seguintes:

- A ASS apresenta um ambiente de negócios desfavorável com burocracia excessiva¹⁵, corrupção¹⁶ e instabilidade política e tecido económico doméstico frágil para a prestação de serviços ao investimento externo e poucos técnicos qualificados.
- A escassez de infra-estrutura adequada, como estradas, ferrovias e energia eléctrica, pode dificultar a entrada de empresas estrangeiras na região. Além disso, a infra-estrutura deficiente pode elevar os custos de produção, o que torna a região menos atraente para investimentos¹⁷.

¹⁵ Em 2020, a ASS encontra-se na posição 115ª do ranking do *doing business* (de entre 190 países) (World Bank, 2023)

¹⁶ Em 2020, a ASS encontra-se na posição 142ª do ranking de percepção de corrupção (de entre 180 países) (IPC, 2023)

¹⁷ Lakmeeharan K. et al. (2020). Solving Africa's infrastructure paradox. Working paper. McKinsey.

- A África Subsaariana tem economias subdesenvolvidas e a enfrentar desafios financeiros. A falta de capital e de recursos financeiros dificulta a parceria entre as empresas locais e estrangeiras¹⁸.
- A ASS enfrenta a concorrência de outras regiões do mundo (Ásia e América Latina) que atraem mais IDE por terem maiores vantagens comparativas¹⁹ em termos de ambiente de negócios, infra-estrutura, recursos financeiros, incentivos fiscais, mão-de-obra mais qualificada²⁰ e maior estabilidade política.

É importante lembrar que cada país e cada região da ASS tem as suas próprias características e com efeito sobre os fluxos de investimento de maneiras diferentes.

Em resumo, o estudo sugere que os fluxos de IDE na ASS e nos países analisados são baixos e com factores limitantes, variando entre os países analisados. No entanto, a identificação desses factores pode ajudar os respectivos governos a desenvolver políticas mais eficazes para atrair investimentos internacionais e melhorar a sua posição no mercado de capitais. Esse IDE deve ser direccionado para sectores que promovam o desenvolvimento sustentável. O governo e outras partes interessadas devem considerar cuidadosamente os impactos sociais e ambientais dos investimentos, evitando modelos extrativistas que possam prejudicar as forças produtivas do país.

As principais políticas são as seguintes: melhorar os sistemas de educação – criando competências adequadas aos padrões dos países com maior e melhores qualificações académicas e profissionais; melhorar o ambiente de negócios, sobretudo a corrupção, a burocracia excessiva e a instabilidade política; investir em infra-estruturas, como estradas, ferrovias, portos e energia eléctrica; incentivar parcerias público-privadas; oferecer incentivos fiscais, como isenções fiscais e reduções de impostos, sem criar discrepâncias com as condições oferecidas aos empresários nacionais; desenvolver sectores estratégicos - como a agricultura, a energia e a tecnologia, para criar oportunidades de investimento e promover o crescimento e desenvolvimento económico.

¹⁸ Veja, por exemplo, Mosca, J., e Dadá, Yasser Arafat. (2023). África Subsaariana no caminho de mais subdesenvolvimento. Destaque Rural. Observatório do Meio Rural, 228.

¹⁹ Em 2020, a ASS encontra-se na posição 121ª do ranking do índice de competitividade global (são avaliados 140 países) (IPG, 2023)

²⁰ Veja, por exemplo, Dadá, Yasser Arafat. (2023). Evolução do índice de desenvolvimento humano na África Subsaariana e no mundo, 2000 –2020. Destaque Rural. Observatório do Meio Rural, 229.